

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Afonso Borges e ao **Sempre Um Papo** pelo convite para compartilhar a leitura de poemas de **Uns & Outros** com vocês. Agradecer aos titulares do **Salamanca Espaço Cultural** pela acolhida; à **Editora Landy**, em especial ao seu editor, Antonio Daniel, pela ousadia de editar poesia – gênero tão necessário quanto escasso. O apoio da **Diageo**, que ofereceu as bebidas, *spirit*, espírito. À **ModernSign Design** pelo apoio editorial e à **Canvas** pela criação e produção dos vídeo-poemas, que serão exibidos hoje.

Agradeço cordialmente a presença de todos – alguns amigos muito queridos.

Por fim, quero agradecer ao José Eduardo Gonçalves amigo muito querido, que criou a oportunidade para essa leitura. Dentre as muitas (e óbvias) influências, há, em **Uns & Outros**, um poema inspirado em Drummond, chamado **a trajetória da pedra** que é assim:

Sopesada por mão destra e seminal
De fino feitio e certa mira
Sem alarde a pedra inaugural
Foi lançada de um caminho de Itabira

E com esse poeminha celebro Minas e inauguro a nossa leitura.

TÍTULO

Uns & Outros. A chave para compreensão do título do livro encontra-se na epígrafe que o precede, e que é assim:

“Uns imitam por incapacidade. Outros para ensaiar asas. Estes saberão um dia voar”. Trata-se de um trecho de carta de Mario de Andrade a Luís da Câmara Cascudo.

Uns & Outros aceita a incapacidade – parte inevitável do processo de ensaiar asas. Ícaro encantado com o sol. Noto que ao longo do livro há pares de poemas que reforçam esses extremos, como, por exemplo *Epitáfio Um e Epitáfio Outro*:

EPITÁFIO UM

a vida tratou-me bem
tive como quando onde
e nunca faltou-me quem

EPITÁFIO OUTRO

veio ao mundo
com a missão de ser
profundo
foi raso
(a)traído pelo desejo e
pelo
ocaso

PALAVRA

O poema que lerei agora é dos que mais gosto. Chama-se **palavra**. Esse poema foi animado em vídeo. Nesse processo, ganhou vários níveis de significação. Vamos á ele.

VAMOS VER AGORA COMO POEMA FOI ANIMADO.

OFICINA

Os poemas que lerei agora permitirão que eu fale um pouquinho sobre meu processo criativo. Primeiro **17 de Junho de 1904. Odisseu é convocado ao Hades.**

LEIO O POEMA

Em minha oficina, adotei dois métodos de composição: um mais racionalista, cerebral por assim dizer, e outro mais intuitivo. Ocidente & Oriente, Razão & Intuição, **Uns & Outros.**

No primeiro caso, o que me anima é a abordagem Poundiana, em especial o método da comparação e o exercício da concentração. Em minhas composições, busco a palavra mais precisa e a beleza, entendida por Pound como “adequação ao objetivo”.

O mesmo Pound dizia que “A incompetência se manifesta no uso de palavras demasiadas. O primeiro e o mais simples teste a que o leitor deve submeter o autor é verificar as palavras que não funcionam”.

Em linhas gerais, meus poemas refletem a interpenetração de temas e de estruturas, como assinala José Lino Grunewald, ao comentar **Os Cantos**, de Pound, “épico sem enredo”, que traduziu. Montagem, colagem, transcrição de outros autores, separação das palavras, o uso do *enjambement*, da pontuação e da visualidade das palavras.

A idéia é revisitar os clássicos com ironia. Como assinala Umberto Eco em **Posfácio ao Nome da Rosa**, essa seria a marca do pós-modernismo.

O poema **17 de junho de 1904. Odisseu é convocado ao Hades**, foi inspirado em **Ulisses**, de James Joyce. Fantasiei que o protagonista, Leopold Bloom, morre no dia seguinte em que transcorre a narrativa épica.

No processo de criação usei muitas referências da narrativa joyceana, em especial as da parte II, episódio 6, na cena de O Cemitério.

Inúmeras foram as referências que busquei em Joyce: às carpideiras – uma é comparada a uma “harpia de queixada magra”; depois, ao refletir sobre a morte de Patrick, “Paddy”, Dignam, Bloom pensa “o que é que vale para o sujeito entre quatro tábuas comendo margaridas pela raiz?”.

Já os versos:

Depois hidromel

vinho doce

água e

farinha branca

Foram apanhados do **Canto I** de Pound, transcrição, por sua vez, de um trecho do Canto XI da **Odisséia**, de Homero, traduzidos por José Lino Grunewald da seguinte forma:

Vazamos libações a cada morto
Primeiro o hidromel, depois o doce
Vinho mais água com farinha branca;

Antonio Medina Rodrigues nota que esse canto retrata o “sacrifício para invocação dos mortos e descida aos infernos”.

Segundo o tradutor José Lino Grunewald, essa transcrição foi inspirada em tradução de Andréas Divus de 1538. No caso de **17 de Junho de 1904**, portanto, trata-se da apropriação de um verso traduzido do grego por Divus, depois por Pound e, finalmente, por Grunewald (sem contar a espiada que dei na tradução de Odorico Mendes).

Por fim, há a palavra-valise fluídoflamantefeliz, uma tentativa de renomear a palavra alma.

Outro poema que segue essa dinâmica construtiva é *Monteazul*, que utiliza a estrutura de **Anhangabaú**, de Mario de Andrade, e temas da **Tabacaria** de Fernando Pessoa.

LEIO O POEMA

Lerei agora **Anhangabaú** e, depois, o trecho da **Tabacaria** no qual me inspirei.

HAICAIS

Dos muitos haicais que publiquei em **Uns & Outros**, gosto especialmente de **Basho revisitado** e **Sokan revisitado**.

Basho revisitado

o outono se foi
ficou a grama amarela
e a ramela
no olho do boi

Sokan revisitado

luar vernal
se lhe ponho uma colher
prato de mingau

Aqui o exercício de voltar aos clássicos com ironia. No primeiro caso, há um belo haikai de Basho, que foi traduzido por Paulo Leminski da seguinte forma:

primavera não nos deixe
pássaros choram
lágrimas no olho do peixe

De Sokán, revisitei o seguinte haicai:

lua cheia
se espeto um cabo na bola
uma ventarola

Dos haicais que fiz, gosto também do haicai **palmas para ele**, que foi quadrinizado pelo cartunista Glauco e animado em vídeo-poema. Vamos ver como ficou:

VÍDEO-POEMA PALMAS PARA ELE

Gosto muito também de:

primavera eu te vi
o primeiro vestido de alça
passou por aqui

Acredito que o *Kigô* (termo de referência da estação do ano) “vestido de alça” não poderia ser mais brasileiro e inzoneiro.

E aqui eu me detenho para falar um pouco sobre o outro método de composição que emprego em minha oficina, inspirado no zen-budismo.

Na tradição da escola inaugurada por Basho, que viveu entre 1644 e 1694, o exercício do haicai (uso o termo abrasileirado) tornou-se um caminho para o auto-conhecimento.

Nesse contexto, procuro exercitar o sabi (clima de solidão), o wabi (desprendimento, ou conexão com o todo) e o karumi (simplicidade sutil). E, também, a ausência de ego (shi-i), a busca do silêncio interior e a delicadeza (shiori).

Gostaria de compartilhar 2 haicais inéditos que, acredito, retratam essa busca:

ele lá em cima
eu cá em baixo
muito boa a prosa do guaxo

O outro:

brisa de maio
certamente mereço
as moscas que atraio

VAMOS ASSISTIR AO VIDEO-POEMAS.